



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

RONELLY SALVINO FREIRE

**O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA
ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Guarabira - PB
2011

RONELLY SALVINO FREIRE

**O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA
ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para
obtenção do grau de Licenciando em Letras, à
Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

Orientadora: Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias

Guarabira- PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F866g

Freire, Ronelly Salvino

O gênero histórias em quadrinhos: uma alternativa
para o ensino de língua portuguesa / Ronelly Salvino
Freire – Guarabira: UEPB, 2011.

23f.:Il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

*Orientação Prof. Ms. Luana Francisleyde Pessoa de
Farias*.

1. História em Quadrinhos 2. Gêneros Textuais
3. Língua Portuguesa - Ensino I. Título

22.ed. 371.33

RONELLY SALVINO FREIRE

**O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA
ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Artigo apresentado, em cumprimento aos requisitos para
obtenção do grau de Licenciando em Letras, à
Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.

Aprovado em 06 de dezembro de 2011.

COMISSÃO EXAMINADORA

Luana Francisleyde Pessoa de Farias
Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UEPB)
(Orientadora - Presidente)

Fábio Pessoa da Silva
Prof. Ms. Fábio Pessoa da Silva (UEPB)
(Examinador 1)

Juljan Lima Palmeira
Prof. Ms. Juljan Lima Palmeira (UEPB)
(Examinador 2)

Guarabira - PB
2011

O GÊNERO HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ronelly Salvino Freire¹

Prof.^a Ms. Luana Francisleyde Pessoa de Farias (UEPB – Orientadora)

RESUMO

O ensino de língua portuguesa é caracterizado, pela tradição escolar, como um ensino que se volta para o trabalho com a normatividade da língua. Mas, esse trabalho não pode ser unívoco, por isso, novas práticas metodológicas são necessárias para que esse ensino seja concebido e aceito por parte dos docentes e discentes sem barreiras e preconceito. Com isso, essa pesquisa vem fazer uma abordagem do gênero textual Histórias em Quadrinhos e as suas implicações na leitura e produção textual, levando em consideração o quanto esse gênero pode dispor de subsídios cabíveis ao ensino de língua materna. Indagamos, então, partindo de quesitos a serem avaliados como: o ensino de língua necessita buscar um trabalho baseado nas novas práticas discursivas da linguagem; é preciso operar de acordo com o contexto em que estão inseridos os discentes; o trabalho desenvolvido com as histórias em quadrinhos dá possibilidades aos educandos de ler e produzir novos exemplares do gênero. Desse modo, tomou-se como fundamentação teórica, autores como, Bakhtin (2003), Marcuschi (2011), Dolz e Schneuwly (2004), Calazans (2004), entre outros, que serviram de aportes para a conceituação do gênero em questão e suas implicações no ensino de língua. A partir daí, foi desenvolvida uma pesquisa conceitual dos gêneros textuais e seus aspectos mais característicos, uma apresentação breve do histórico dos quadrinhos, em seguida, discutiu-se a relação do referido gênero com o ensino de língua portuguesa, finalizando com a análise de uma proposta didática aplicada em uma sala de aula do 7º ano do ensino fundamental. Dessa maneira, evidenciou-se que a aplicação do gênero história em quadrinhos pode ser um forte instrumento pedagógico para o ensino de língua, realizando assim um despertar favorável à prática da leitura e da produção textual em sala de aula.

Palavras-chave: . Gêneros textuais. História em Quadrinhos. Ensino de língua. Leitura e Produção Textual.

1 INTRODUÇÃO

No cenário das discussões acerca do ensino de língua portuguesa, é perceptível a necessidade da utilização de novos mecanismos que possibilitem uma prática mais prazerosa e eficiente em relação à leitura e à escrita. Entre as possibilidades de tornar essas práticas

¹FREIRE, Ronelly Salvino. Graduando em Letras pela UEPB. Email: ronelly.cdmd@hotmail.com.

escolares mais significativas, reconhecemos os gêneros textuais como a peça-chave no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da língua materna.

Nesse sentido, o gênero textual História em Quadrinhos doravante HQ apresenta-se como um instrumento na prática do ensino de língua portuguesa. Entre algumas características, destacam-se histórias, geralmente de leitura fácil e prazerosa, que encanta a todas as idades e, especificamente, ao público infanto-juvenil. Assim, propicia práticas de leitura e, ao longo do trabalho com esse gênero, a produção de textos por partes dos discentes.

Partimos, então, da questão da grande dificuldade existente na língua portuguesa, quando se fala na prática da leitura que, por sua vez, acarretaria na produção textual. Pautamo-nos, neste questionamento muito presente no âmbito escolar, em que se percebe tamanha resistência por parte dos discentes em se falar de leitura e escrita. Os alunos sentem essa dificuldade em desenvolver o ato da leitura que indiscutivelmente afeta a manifestação escrita. É, então, que surge a HQ tida como leitura “fácil” e que seria um produto textual como método de ensino-aprendizagem duvidoso.

Com base nesses quesitos, percebemos que a realidade da prática da leitura é sim, um obstáculo para o ensino-aprendizagem, mas, compreendemos que um trabalho bem planejado e desenvolvido, a partir dos gêneros, vem a suprir essas necessidades. No entanto, diante dessa realidade, podemos indagar: será que o ensino de língua materna está sendo desenvolvido em sala de aula utilizando as práticas discursivas da linguagem? Será que esse ensino da língua portuguesa está levando em consideração o aspecto sócio-histórico e cultural, em que está inserido o aluno? E será que pelo preconceito e estigmatização sofrida pela HQ a escola não estaria impossibilitando o gozo pela leitura e, daí, ocasionando o impedimento da produção escrita?

Possíveis respostas para tais questionamentos serão percebidos no decorrer da pesquisa, onde veremos como os gêneros textuais estão sendo desenvolvidos em sala e sua grande importância e eficácia para o ensino de língua. Enfatizaremos também, a relevância existente em valorizar o contexto que está inserido o aluno, e o quanto a HQ, mesmo sendo desvalorizada por alguns, torna-se um instrumento pedagógico que produz um efeito desejado à prática da leitura e da escrita, de uma forma bem eficiente, por possibilitar prazer no ato da leitura àqueles que são seus receptores.

Pretendemos, apresentar, neste trabalho, uma discussão a respeito do gênero textual HQ e sua presença no contexto escolar, de forma mais específica, as suas implicações na leitura e, por conseguinte, na produção textual.

Dessa forma, recorremos a alguns pressupostos teóricos que serviram de aportes para as concepções de gêneros textuais e pesquisas de cunho teórico-metodológicos que nos ajudaram na conceituação das HQ e na aplicação desse gênero “quadro a quadro” em sala de aula. Portanto, utilizamo-nos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2011), Fiorin (2008), Brandão (2003), Dolz e Schneuwly (2004), Eisner (1999) e Calazans (2004).

De base qualitativa, esta pesquisa apresenta as discussões da seguinte forma: de início, trataremos dos conceitos de distintos autores em relação aos gêneros textuais, mostrando sua definição e funcionalidade, além de apresentar a reflexão a cerca do ensino e aprendizagem; logo após, apresentaremos um breve histórico do gênero textual história em quadrinhos; seção seguida de considerações sobre a utilização da HQ enquanto meio eficaz no ensino de língua portuguesa; e, por fim, apresentaremos uma análise do gênero em questão, a partir de uma proposta didática desenvolvida com alguns alunos do ensino fundamental, sendo do 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Nepomuceno de Oliveira, situada no município de Serra da Raiz/PB.

2 CONCEITUANDO OS GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais estão intimamente ligados ao contexto social, cultural e histórico de um povo. Eles são estabelecidos de acordo com a manifestação enunciativa que é desenvolvida em sociedade. Entendemos que o falante de uma língua torna-se o sujeito responsável, devido a ser o detentor do uso da linguagem, de ser o grande noticiador dos gêneros textuais como prática linguística. Segundo Marcuschi (2007, p. 19), “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia.” Essas formas comunicativas diárias que são os gêneros textuais, são organizações textuais flexíveis, propensas a diversas mudanças, devido ao aspecto dinâmico inerente.

Conforme as contribuições bakhtinianas, essas formas textuais, que são os gêneros, podem ser caracterizadas da seguinte maneira:

- * conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- * construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- * estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particularidades de sequências que compõem o texto etc.

Os gêneros, portanto, são modelos comunicativos através dos quais interagimos comumente, e que nos oferecem, por meio de diferentes contextos, significações distintas, em razão das variedades comunicativas e discursivas da língua.

Fiorin (2008, p. 61) também faz essa abordagem dos elementos característicos dos gêneros ao dizer que “os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo.” Desenvolvendo, assim, uma definição elementar dos gêneros textuais, mostrando como eles se configuram.

Vale salientar, que os gêneros se configuram, através da forma, de uma manifestação funcional de conteúdo e do suporte, ou até mesmo do contexto social em que este atua. Esses aspectos são profundamente determinantes para que os gêneros venham a ser identificados. E, assim, entendidos como canais de uma atividade linguística do ser humano, quando falamos do uso da linguagem.

Os gêneros textuais transcorrem, então, por meio da atividade linguística em sociedade. Com isso, percebemos os gêneros como atividade discursiva que traz aspectos sociais e de linguagem que não se desvinculam, ou seja, caminham unidos para que a comunicação textual realmente aconteça.

Por isso, ao se falar do uso da linguagem, recorreremos a Bakhtin (2003, p. 261):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Partindo dessa premissa, os gêneros são então efetuados por meio de um sistema que aborde a linguagem no seu desenvolvimento oral e escrito. Pois, é através da atividade de uso da linguagem que podemos compreender o quanto se torna relevante essa propagação dos gêneros, justamente pelo fato da expressão comunicativa depender indiscutivelmente dos gêneros textuais, para que a prática linguística humana seja concretizada com sucesso.

O filósofo Bakhtin (2003, p. 262) acrescenta que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Compreende-se, dessa maneira, a grande variedade existente de gêneros, pois estes podem surgir de acordo com as possibilidades existentes de inovações que o homem, a sociedade e a história podem sofrer, e assim realizando um aparecimento incontável de novas modalidades textuais. Os gêneros textuais são, portanto, concebidos como uma fonte inesgotável de possibilidades devido à multiforme atividade do homem. Também são vistos, de acordo com Marcuschi (2011, p. 19), como gêneros que estão indiscutivelmente relacionados “às práticas sociais, aos aspectos cognitivos, aos interesses, às relações de poder, às tecnologias, às atividades discursivas e no interior da cultura.” Além disso, segundo a ideia do mesmo autor, os gêneros textuais passam por processos em que se misturam, isto é, acontece um hibridismo entre eles.

Os gêneros flexionam-se, passam por uma trajetória ininterrupta de multiplicidade, onde esses fenômenos da linguagem se ajustam perfeitamente a um modelo discursivo favorável e facilitador da prática da leitura e escrita na escola. E tudo isso ocorre para que haja uma consolidação no aspecto da funcionalidade com o aparecimento das inovações organizacionais. Por isso, temos a ideia de que os gêneros são sim, reconhecidos como “entidades dinâmicas” (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

É então que entendemos que onde quer que estejamos, seja no âmbito escolar, na rua, numa festa, ou até mesmo em uma comunicação virtual, os gêneros textuais irão apresentar-se como formas propensas ao ato comunicativo. Portanto, podemos dizer que isso ocorre como uma representação de comunicação interpessoal. Iremos desenvolver em contextos socioculturais e históricos, a nossa capacidade de nos relacionarmos, a partir do uso da linguagem, independente de sua modalidade escrita ou oral. Com isso, faz-se uma compreensão de que os gêneros são desenvolvidos por meio de práticas que são desempenhadas em nosso cotidiano, ou seja, em situações que somos levados a nos munir dessas formas de discurso. Dessa maneira, Marcuschi (2007, p. 22-23) diz que

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Com isso, podemos ter uma compreensão dos gêneros textuais como sendo um estilo de manifestação verbal a partir dos textos e como práticas enunciativas desenvolvidas no contexto histórico-social, como explana Marcuschi (2011). Então, essas manifestações verbais exprimidas através dos textos aparecem como meios para que ocorra o ato comunicativo. Os gêneros então, de acordo com o cenário sócio-histórico em que se desenvolve, aparecem como modalidades textuais de leitura e escrita e são fontes extremamente responsáveis para que o ato do comunicar se concretize. Dessa forma, Fiorin (2008, p. 61) afirma que “o gênero estabelece, pois, uma interconexão da linguagem com a vida social.”

E ainda sobre essa abordagem do gênero enquanto manifestação sócio-histórica, vemos que

O gênero deve ser trabalhado enquanto instituição discursiva, isto é, forma codificada sócio-historicamente por uma determinada cultura e enquanto objeto material, isto é, enquanto materialidade linguística que se manifesta em diferentes formas de textualização. (BRANDÃO, 2003, p. 38)

Portanto, entendendo os gêneros textuais com esse aspecto manifestado de maneira sócio-histórica e que são percebíveis como formas tidas num contexto verbal ou não-verbal, ou seja, de forma oral ou escrita, difundida na sociedade como prática discursiva, podemos afirmar que essa modalidade textual vem sendo uma possibilidade metodológica para que ocorra de maneira eficaz a manifestação sociocomunicativa, gerando, assim, uma versatilidade nessa ação. Em relação a essa plasticidade presente nos gêneros textuais, pode-se afirmar, ainda, segundo Marcuschi (2011, p. 20) que

Os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro.

Em suma, compreendemos que os gêneros são essa manifestação comunicativa que trazem como caracteres indispensáveis essa dinamicidade, tanto no aspecto contextual, como funcional e que, por sua vez, são primordiais às práticas sócio-discursivas existentes a partir das manifestações linguísticas contidas nos textos.

3 UM BREVE HISTÓRICO DO GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As Histórias em Quadrinhos foram designadas por Eisner (1999, p. 7) como “arte sequencial”. Estas, de acordo com estudiosos da área como Iannone; Iannone (1994), surgiram com as figuras rupestres, isso pelo fato da necessidade da comunicação por meio das pinturas antigas, o que nos levou a compreender a linguagem além da sua forma verbal, partindo para o contexto verbo-visual.

Na civilização egípcia, figuras do Faraó e episódios vividos por este e pelo povo eram transportados de maneira pictorial para os templos e túmulos da época.

As histórias em quadrinhos, gibis, ou simplesmente HQ, são, em suma, um conjunto de textos que reúne histórias em quadros ou tiras, apresentado-se como um gênero textual de leitura prazerosa. Estas ainda possuem outras denominações em outros países. Nos Estados Unidos, são chamadas de *comics*; na França, *bandes*; em Portugal, *História aos Quadrinhos (HQ)* ou *Banda Desenhada*; na Itália, *fumetti*; na Espanha, *tebeo*; no Japão, *mangá*; e, no Brasil, *histórias em quadrinhos*. Sendo assim, muitas são as definições de um gênero que traz como característica a narração de história através de imagens e uma sequência de pequenos quadros.

No que diz respeito a essa arte sequencial, Sarmiento & Tufano (2004, p. 333-334) explicam que

Na arte sequencial, a comunicação se faz por meio de imagens identificadas pelo emissor e pelo receptor. Para ‘ler’ uma história em quadrinhos é preciso interpretar imagens, relacioná-las com as palavras e perceber sequências de causa e efeito.

No entanto, é com *The Yellow Kid* (1896) conhecida como *Menino Amarelo*, com publicação pelo jornal *New York World* no final do século XIX, que aparece realmente a primeira obra reconhecida como sendo o gênero quadro a quadro.

Esse gênero textual teve como primeiros divulgadores nomes como, Rudolph Töpffer, Wilhelm Bush, Georges Colomb e o brasileiro Angelo Agostini, destacando-se como precursores do modelo comunicativo em questão.

A primeira história em quadrinhos brasileira, *As aventuras de Nhô Quin*, foi publicada em janeiro de 1869 pela revista *Vida Fluminense*, relatava em seus episódios as histórias de um homem simples do interior do Brasil.

No entanto, de acordo com Barros (2009), foi com o gibi *O Tico Tico*, publicado no Rio de Janeiro em 1905, que as HQ começaram a ter lugar no cenário brasileiro. Suas publicações datam até o ano de 1956, sendo a primeira história em quadrinhos no mundo a ser uma obra completa, contendo tanto curiosidades infantis, contos e textos de informação.

Ainda no Brasil, o jornal de São Paulo “*A Gazeta*” abriu espaço para publicações infantis lançando histórias em quadrinhos em uma sessão denominada “*Gazeta Infantil*”, dando espaço para algumas histórias, as quais posteriormente viriam a tornar-se revistas em quadrinhos.

O Brasil estava num processo de ascensão do gênero história em quadrinhos, e a cada década este surgia com mais novidades. Na década de 40, aparece a charge “*O Amigo da Onça*” publicada na revista “*O Cruzeiro*”, pelo cartunista Péricles do Amaral. Na década de 50, outras publicações brasileiras ganham destaque, e também é nesse período que as publicações do gênero quadro a quadro da Disney são lançados no Brasil.

Atualmente, os quadrinhos têm como característica bem peculiar os balões, que trazem a função iconográfica de proporcionar um prolongamento dos personagens e também desenvolvendo uma leitura mais dinâmica.

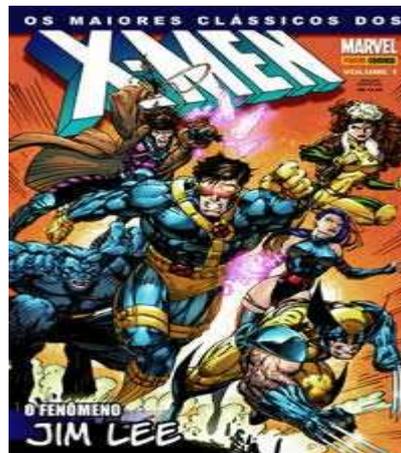
3.1 Composição Estrutural das Histórias em Quadrinhos

No que diz respeito às histórias em quadrinhos, na definição de Iannone & Iannone (1994, p. 21), são tidas como “história contada em quadros (vinhetas), ou seja, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto”. Sua forma mais comum é a retangular com linhas retas, composta por quadros que repassam uma mensagem. Tomando ainda como referencial Iannone & Iannone (1994, p. 62), “o artista arranja o cenário, isto é, o espaço interior do quadrinho, para que as figuras associadas ao texto transmitam a sensação de movimento (ação) e facilitem a compreensão da mensagem”. Por isso, a grande importância da imagem, no caso os desenhos, dos balões e letreiros para que haja uma verdadeira transmissão da mensagem desejada pelo autor (emissor) para o leitor (receptor).

As histórias em quadrinhos comunicam numa ‘linguagem’ que se vale de experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação do texto. A história em quadrinhos pode ser chamada ‘leitura’ num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo. (EISNER, 1999, p. 7)

Falando ainda a respeito do que venha a ser a HQ e sua definição como um gênero textual, Cirne (2000, p. 23-24 apud MENDONÇA, 2007, p. 195) define: “Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”.

As HQs possuem, ainda, entre suas inúmeras características, uma íntima relação com o cinema e com desenhos animados, os quais, por sua vez, demonstram a inter-relação existente entre quadrinhos e tecnologia, como ratifica Calazans (2004) ao afirmar que as HQs são uma “expressão tecnológica”. É o que se pode observar com as publicações de “X-Men”, que além dos quadrinhos, foram transportadas para as telas, tanto em desenhos animados, quanto para o cinema, como podemos perceber nas ilustrações seguintes:



Fonte: hqrock.wordpress.com



Fonte: pararobo.blogspot.com

Os textos e os desenhos característicos dos quadrinhos são de suma relevância para o ensino-aprendizagem, sendo um material muito rico para o auxílio do processo educativo.

É aí que, como diz Mendonça (2007, p. 197), “podemos, portanto, situar as HQs numa verdadeira ‘constelação’ de gêneros não-verbais ou icônico-verbais assemelhados.” É, então, que surgem outros gêneros que compõem esse quadro de gêneros icônico-verbais, juntamente com as HQs, que são a caricatura, a charge, o cartum e as tiras.

Mesmo assemelhando-se, esses gêneros apresentam características distintas. A caricatura, por exemplo, pode ser determinada ao se fazer uma deformação de pessoa, coisa, animal ou até mesmo um fato; este que, ao ser narrado por completo de forma gráfica, é chamado de charge. Por sua vez, o cartum é uma forma expressiva de opiniões, em que é feita uma crítica por meio de uma sequência de imagens, essas críticas são feitas à política, sociedade, religião e esporte, e, além disso, essa sequência pode vir em quadros ou não. Uma característica bem fundamental para a charge e o cartum é que a charge da mesma maneira que a notícia, passa por um processo de “envelhecimento”, já o cartum é mais atemporal. Por conseguinte, ao falarmos da HQ podemos perceber que, assim como o cartum, ela possui um ou mais quadros numa sequência narrativa, no entanto, esse estilo de sequência torna-se opcional para o cartum, já a HQ traz essa sequência como um elemento imprescindível.

A tira, é determinada como sendo um subtipo dos quadrinhos, traz como particularidades uma sequência mais sintética e, assim como a charge, veiculam críticas à política e economia do país, porém, de forma mais amena, como no introduz Moretti (2001 apud MENDONÇA, 2007, p. 197-198).

Podemos, então, perceber esses aspectos nos exemplos ilustrativos a seguir:

Exemplo 01: Charge



Fonte: rafapolicarpo.wordpress.com

Exemplo 02: Cartum



Fonte: alexprimo.wordpress.com

Exemplo 03: História em Quadrinhos



Fonte: portaldoprofessor.mec.gov.br

Exemplo 04: Tira



Fonte: www.monica.com.br

Dessa forma, como afirma Mendonça (2007) em relação a HQ:

Podemos, então, caracterizar provisoriamente a HQ como um gênero icônico-verbal narrativo cuja expressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal. (p. 199-200)

Vê-se, portanto, o quanto a estrutura da HQ oferece subsídios diversos que, de certa forma, proporcionam uma prática de leitura desse gênero textual mais dinâmica, prazerosa e eficaz.

4 A HISTÓRIA EM QUADRINHOS E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mesmo sendo estigmatizada por apresentar uma “leitura muito fácil”, a HQ, nos dias atuais, apresenta-se como um gênero que quebrou algumas barreiras preconceituosas, aparecendo com destaque no contexto do ensino-aprendizagem.

Os quadrinhos destacam-se então como um meio de comunicação por sua grande popularidade, pois são tidos como um gênero que adentra com muita facilidade no meio popular, assim nos remete Vergueiro (2007).

Com isso, em relação à utilização dos quadrinhos em sala de aula, torna-se necessário que o professor disponha de criatividade para que esse gênero textual seja inserido com sucesso no contexto escolar, e que, além de ser aceito pelos alunos, auxilie o professor como um forte instrumento de ensino. Pois, sendo um gênero comunicador, ou seja, um gênero discursivo, os quadrinhos podem oferecer aos alunos essa capacidade sócio-discursiva.

É o que nos afirma Lopes-Rossi (2011, p. 71):

Cabe ao professor, portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isso pode ser feito com muita eficiência por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, à sua produção escrita e circulação social.

Ao falarmos, então, no ensino, podemos especificar o ensino de língua portuguesa que sempre teve como principal característica, um ensino que se voltava única e exclusivamente para a gramática normativa, levando aos receptores do ensino de língua materna um estudo de uma língua voltado para a utilização de regras e normas, conduzindo o discente a um ensino da língua tida como “correta”.

No entanto, percebemos hoje em dia, que muitas dessas barreiras estão sendo quebradas, e a língua portuguesa tratada como uma língua em uso vem tomando seu espaço no processo de ensino-aprendizagem. Os textos, como gênero comunicador, estão a oferecer novos olhares ao ensino do português, possibilitando não somente o contato com textos tipicamente literários, mas, sobretudo, com modalidades textuais diversas. É o que podemos perceber com as HQs, as quais aparecem como essas modalidades textuais que dispõem de novas práticas pedagógicas para o ensino de língua.

Com os quadrinhos, podemos observar as inúmeras possibilidades para que a aprendizagem obtenha sucesso.

As HQs são um gênero textual bastante interessante, pois têm a capacidade de agradar a todas as idades, não somente, ao público infanto-juvenil que busca com mais frequência a essa prática de leitura. Há também um público diversificado que consegue enxergar nos quadrinhos não só o conceito unívoco de ser “uma leitura fácil”, mas uma leitura envolvente, capaz de despertar, não só por meio das imagens, mas também através das distintas temáticas existentes e trabalhadas pelo gênero “quadro a quadro” e que despertam a capacidade cognitiva daqueles que experimentam desse gênero. De acordo com Dolz e Schneuwly (2004, p. 72-73), “as práticas de linguagem implicam tanto dimensões sociais como cognitivas e linguísticas do funcionamento da linguagem numa situação de comunicação particular”, ou seja, os quadrinhos podem ser inquestionavelmente inseridos nessas práticas linguísticas que são capazes de realizar um verdadeiro despertar, tanto no imaginário de seus apreciadores quanto em suas manifestações sócio comunicativas ou sócio discursivas.

É indiscutível que os quadrinhos trazem bem fortes a prática do entretenimento como uma de suas marcas mais características e que, por sua vez, desperta o humor como outro aspecto particular a esse gênero. Portanto, pode-se afirmar que o lúdico existente nas HQs e a capacidade de comunicação que há por meio destas passaram a surgir no contexto escolar em um lugar de destaque como prática eficaz para a construção do saber. E, como destaca Dolz e Schneuwly (2004, p. 78), “a escola é tomada como autêntico lugar de comunicação, e as situações escolares, como ocasiões de produção/recepção de textos”. Percebe-se o quão é fundamental a missão da escola como agente divulgador de atos comunicativos que atinem os discentes a uma prática qualificável de leitura e escrita.

Em relação a essa prática construtiva do saber existente nos quadrinhos, Calazans (2004, p. 19) fala que “cabe ao professor estudar atentamente o material quadrinizado disponível e improvisar [intencionalmente!] o emprego das revistas em seus objetivos didáticos e na proposta pedagógica da escola”. Pois, aplicando-se esse gênero de forma bem planejada, será perceptível o quanto os discentes despertarão para uma prática de leitura realizada com prazer, desenvolvendo, assim, até mesmo o hábito em ler, não somente os quadrinhos, mas, outras produções textuais.

A aplicabilidade da leitura em sala de aula visando a novas metodologias é importantíssima, pois, deparamos-nos com um ensino de língua que muitas vezes se pauta exclusivamente em ensinar gramática e não trabalha com as novas formas discursivas e comunicativas que podemos observar na língua. E ainda não leva em consideração o quadro social em que está envolvido o indivíduo e muito menos observa os aspectos histórico e cultural do homem, causando, assim, um entrave no discente em relação à prática da leitura e da escrita em sala de aula.

Dessa forma, mesmo os quadrinhos não sendo totalmente aceitos como práticas sóciodiscursivas eficazes para o ensino de língua, aparecem como suportes pedagógicos fundamentais no conduzir uma verdadeira manifestação de leitura. Como nos fala Calazans (2004, p. 10), “o manuseio e o contato constante com esse tipo de suporte cria um hábito e uma intimidade que podem ser gradualmente transferidos para os livros”, ou seja, esses leitores de HQs são condicionados a buscarem além dessa leitura prazerosa encontrada nas revistas em quadrinhos, também o encontro com outros estilos textuais.

Os quadrinhos são, portanto, um suporte de ensino muito rico, que podem levar o aluno a um interesse mais aprofundado no ensino do português. Seguindo proposições de Ramos (2007, p. 66), “O ideal seria o professor adaptar as atividades à sua realidade de sala ou, melhor ainda, aprimorá-las, reinventá-las, inová-las”. Ou seja, realizar o que foi explanado

anteriormente, perceber os contextos diversos em que estão inseridos os alunos e assim promover, de forma planejada, a aplicação dos quadrinhos, mesmo sendo um gênero não totalmente aceito no ensino de língua portuguesa, pode ser utilizado como forte instrumento pedagógico.

Há, então, diversas maneiras de se trabalhar as HQs no ensino de língua portuguesa. Uma dessas propostas seria o trabalho desenvolvido abordando a variação linguística, onde podemos perceber que a língua varia, não é homogênea nem estática. Ou seja, a língua possui diversas variantes, seja uma linguagem típica rural ou urbana composta por gírias, ela então varia de acordo com o contexto. Podemos perceber essa manifestação das variantes e que podem ser utilizadas no ensino de língua na tira a seguir:



Fonte: www.lucaslima.com

Outra proposta pedagógica a ser desenvolvida no ensino de língua é a abordagem do preconceito linguístico, em que o professor tem a função de apresentar ao aluno que existem maneiras diversas de utilização da língua. Também pode ser proposto a utilização da HQ e o trabalho com adequação e inadequação em que, à luz do contexto, sociocomunicativo a língua pode ser entendida como adequada ou inadequada. Ainda pode ser estabelecida uma proposta para o ensino de língua portuguesa em que o professor apresentará ao aluno a fala e a escrita como elementos interconectados, ou seja, são modalidades linguísticas que se complementam. Nesse aspecto pedagógico, o professor irá procurar mostrar ao aluno, por meio dos quadrinhos, que fazendo uma observação dos balões tudo aquilo que é inserido de forma escrita neles é, justamente, a representação da fala.

Dentre outras propostas didáticas para o ensino de língua materna, a partir da HQ, Ramos (2007) sugere que aspectos de oralidade, caracterização dos personagens, depreensão do sentido por meio do contexto, produção de sentido/coerência, coesão e recursos de expressão visual.

Tudo isso, para demonstrar as inúmeras possibilidades didáticas que os quadrinhos podem oferecer ao ensino de língua portuguesa. Contudo, não cabe ao professor ser um possível instrumento de impedimento do contato do aluno com essas práticas de leitura, pois, dessa forma, seria também um empecilho à produção escrita em sala de aula, através desse gênero que tem muito a oferecer para um eficiente e prazeroso ensino de língua portuguesa.

5 ANALISANDO A HISTÓRIA EM QUADRINHOS A PARTIR DE UMA PROPOSTA DIDÁTICA

Podemos dizer que os resultados obtidos com a inserção dos quadrinhos em sala de aula como um instrumento metodológico foram favoráveis.

A proposta didática realizada com o gênero textual história em quadrinhos foi desenvolvida em uma turma de 7º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Nepomuceno de Oliveira, situada na cidade de Serra da Raiz/PB, em que a professora da referida disciplina nos possibilitou através de suas práticas pedagógicas uma pesquisa de campo em relação a esse gênero em sala de aula.

O que pôde ser observado na utilização inicial dos quadrinhos em sala foi que, a partir do momento em que a HQ passou a fazer parte das práticas metodológicas da professora, suas aulas passaram a despertar maior interesse nos alunos em relação à disciplina língua portuguesa e, especificamente, às práticas de leitura e escrita.

Como relata Vergueiro (2007, p. 26) ao se referir à utilização das HQs em sala, “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”. Fundamentando-se de acordo com essa premissa, nas aulas observadas na turma do 7º ano, a professora obteve êxito com o ensino de língua a partir das HQs, pois, anteriormente, a professora havia percebido a forte resistência por parte da turma em ler textos distintos, que por sua vez, estava refletindo de forma drástica nas práticas de produção textual. Os alunos não sentiam prazer algum em fazer leituras, e muito menos em desenvolver a capacidade escrita a partir das modalidades textuais.

Foi, então, que a professora desenvolvendo uma capacidade criadora de novas metodologias de ensino, voltou-se para o trabalho com o gênero “quadro a quadro”, percebendo nos quadrinhos uma forma de utilizar-se desse lúdico e hibridismo existente no gênero, para despertar o interesse e a capacidade cognitiva de seus alunos. Assim,

desenvolveu algumas atividades em sala para observar se essa manifestação didática teria sucesso.

Inicialmente, trouxe aos alunos revistas quadrinizadas diversificadas, apresentando-as, mostrando suas características e formas de leitura; logo em seguida, propôs a estes num período de algumas semanas leitura dessas revistas, para assim, começar a despertar a prática da leitura prazerosa com seus alunos; e por fim, logo após ter ocorrido o ato da leitura por parte dos alunos e a familiarização com o gênero, a professora, a partir de uma proposta didática desenvolveu uma atividade em que os alunos, partindo dos quadrinhos, pudessem observar os balões apagados e aí expressar a capacidade de produção textual, dando voz aos personagens contidos nos quadros, isso de acordo com a observância das imagens e expressão desses personagens.

Para desenvolver a aplicação em sala de aula do gênero em questão, a professora levou um período de oito semanas para conseguir desenvolvê-lo com eficácia. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 78), “Aprende-se a escrever, escrevendo, numa progressão que é, ela também, concebida como natural, constituindo-se segundo uma lógica que depende tão-somente do processo interno de desenvolvimento.”

Dessa maneira, foi utilizada de uma forma pedagógica em que se procurou com profunda naturalidade fazer com que os alunos fossem familiarizados com o gênero, para que este viesse a ser aceito pelos discentes e assim a meta a ser alcançada que seria o prazer pela leitura e o desenvolver da escrita pudesse ser uma realidade no contexto escolar. Com expressa Eisner (1999, p. 145), “a leitura também constitui um importante banco de informações. [...] Afinal, trata-se de uma forma artística que trata da experiência humana”.

Em suma, esse trabalho metodológico desenvolvido nessa turma de ensino fundamental de uma escola da rede pública do município de Serra da Raiz/PB, fez com o alunos despertassem para certas nuances existentes nesses textos característicos e pertinentes à prática do ensino da língua portuguesa.

Com uma abordagem realizada nos quadrinhos, de acordo com a linguagem verbal (palavras) e com a linguagem não-verbal (imagens), de forma mais clara, destacamos uma das atividades desenvolvidas com uma história em quadrinhos da Turma da Mônica, especificamente uma história do personagem Chico Bento, criado pelo mais célebre quadrinista brasileiro Mauricio de Sousa, em que a proposta desenvolvida pela professora foi justamente, após leituras desse gênero e a já familiaridade existente, os alunos utilizassem a imaginação para criarem de forma escrita os fatos dialogados nos quadros.

Essa proposta obteve resultados positivos, pois para o aluno, o qual foi o grande beneficiado com essa prática didática, foi possível desfrutar de uma manifestação de ensino-aprendizagem mais criativa e prazerosa, desenvolvendo um interesse maior em conhecer e aprender melhor a língua portuguesa. E à professora, essa proposta de ensino trouxe satisfação por perceber o seu trabalho pedagógico surtindo efeito.

Enfim, se entende que as manifestações textuais existente nas HQs são de extrema relevância, pois, tem a capacidade geradora de ocasionar um verdadeiro despertar no aluno para o contato com a leitura e, assim, ser, além disso, um forte meio para o desenvolvimento, nesses alunos, de uma capacidade criadora de produções textuais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os conceitos e aplicações desenvolvidas com as HQs em sala de aula no ensino de língua portuguesa, percebeu-se que é possível a utilização dessa prática textual, como um suporte eficaz para o trabalho com a leitura e com a produção textual. As implicações referentes ao gênero quadrinhos e o seu trabalho no âmbito escolar foram bem favoráveis, pois mesmo sendo esse gênero textual mal visto por alguns críticos, é comprovado que o gênero “quadro a quadro” é um suporte pedagógico imprescindível ao ensino de língua portuguesa.

O uso dos quadrinhos aparece, então, como sendo um grande auxílio para o professor e seu trabalho em levar os discentes a uma prática de leitura prazerosa, e a um processo de desenvolvimento textual eficiente na sua forma escrita.

Portanto, cabe ao professor não somente disponibilizar as revistas em quadrinhos aos seus alunos, mas, de forma planejada, familiarizar-se com esse gênero, e assim promover atividades didáticas contundentes com o contexto em que estão inseridos os seus alunos e ainda realizar essas atividades de acordo com as práticas discursivas de linguagem, não desenvolvendo um trabalho unicamente voltado para normatividade, mas levar os discentes a experimentarem de novos conteúdos que podem ser percebidos no ensino de língua.

Assim, fica clara a relevância contida nesse gênero, como sendo além de textos que promovem o humor e o entretenimento, quadros que promovem a capacidade cognitiva dos discentes e, assim, implicam em um prazer pela leitura e, por conseguinte, pela produção textual, quebrando, dessa forma, inúmeras barreiras impostas ao ensino de língua portuguesa.

ABSTRACT

The teaching of Portuguese language is characterized by school tradition as a teaching that is back to work with the normative language. Although this work can not be univocal, so new methodological practices are needed for this instruction is designed and accepted by teachers and students without barriers and prejudice. This research has an approach to the genre Comics and its implications for reading and text production, taking into consideration how this genre can have benefits applicable to the teaching of mother tongue. We ask, then, from requirements to be evaluated as: language education needs to seek a new work based on the discursive practices of language, we must operate according to the context in which students are a part, the work with the stories comics gives students opportunities to read and produce new examples of the genre. Taken as a theoretical foundation, authors such as Bakhtin (2003), Marcuschi (2011), Dolz and Schneuwly (2004), Calazans (2004), among others, which served as inputs to the concept of the genre in question and its implications for language teaching. From there, we developed a conceptual research of text types and their most characteristic features, a brief presentation of the history of comics, then discussed the relationship of that kind with the teaching of Portuguese language, ending with an analysis didactic proposal applied in a classroom of seventh grade of elementary school. It became clear that the application of the comic book genre can be a powerful educational tool for teaching language, thus creating an awakening in favor of the practice of reading and text production in the classroom.

Keywords: Text genres. Comic. Language teaching. Reading and Textual.

7 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Jussara de. *Influências da história em quadrinhos na educação*. Disponível em <http://www.educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/influencias-historia-quadrinhos-na-educacao.htm> Acesso em: 01 de novembro de 2011.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. *História em quadrinhos na escola*. São Paulo: Paulus, 2004.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- IANNONE, L. R. IANNONE, R. A. *O mundo das histórias em quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.
- LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configurações, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- RAMOS, P. Os quadrinhos em aulas de língua portuguesa. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- SARMENTO, Leila Luar & TUFANO, Douglas. *Português: Literatura – Gramática – Produção de texto*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim [et al]. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- VERGUEIRO, Waldomiro. O uso das HQs no ensino. IN: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.